

**HIBRIDIZAÇÕES COM A TRANSGENIA:
UMA ANÁLISE DAS IDENTIFICAÇÕES DE ESTUDANTES INDÍGENAS PRODUZIDAS
NA AULA DE CIÊNCIAS**

**HYBRIDIZATIONS WITH TRANSGENIA:
AN ANALYSIS OF THE IDENTIFICATIONS OF INDIGENOUS STUDENTS PRODUCED
IN THE SCIENCE CLASS**

**HIBRIDACIONES CON TRANSGENIA:
UN ANÁLISIS DE LAS IDENTIFICACIONES DE ESTUDIANTES INDÍGENAS
PRODUCIDAS EN LA CLASE DE CIENCIAS**

FelipeTsuzuki*
felipe.tsuzuki@outlook.com

Moisés Alves de Oliveira*
moises@uel.br

* Universidade Estadual de Londrina, PR – Brasil

Resumo

Considerando o contexto multicultural e globalizado, no qual o intercâmbio de pessoas e culturas são frequentes, nos dedicamos a investigar uma aula de Ciências da Natureza do Ciclo Intercultural de Iniciação Acadêmica dos Estudantes Indígenas da Universidade Estadual de Londrina, afim de analisar a constituição das identificações culturais sob a perspectiva teórica produzida por Stuart Hall. Discutimos neste artigo que a produção de identificações ocorre no que toca os posicionamentos dos discursos científicos e, ao se produzirem como identificações, estão sujeitas a hibridização. Além disso, na sala de aula, se produziram tanto identificações diaspóricas traduzidas quanto tradicionais, contudo, as identificações traduzidas se aproximam da Iniciação Acadêmica ao qual se propunha o curso.

Palavras Chave: Ensino de ciências. Educação indígena. Estudos culturais. Educação superior.

Abstract

Considering the multicultural and globalized context, in which the exchange of people and cultures are frequent, we dedicate ourselves to investigate a class of Natural Sciences of the Intercultural Cycle of Academic Initiation of Indigenous Students of the State University of Londrina, in order to analyze the constitution of cultural identifications from the theoretical perspective produced by Stuart Hall. We discussed in this article that the production of identifications occurs with respect to the positions of scientific discourses and, when produced as identifications, they are subject to hybridization. In addition, in the classroom, both translated and traditional diasporic identifications were produced, however, translated identifications are close to the Academic Initiation to which the course was proposed.

Keywords: Science teaching. Indigenous Education. Cultural Studies. Higher education.

Resumen

Considerando el contexto multicultural y globalizado, en el cual el intercambio de personas y culturas es frecuente, nos dedicamos a investigar una clase de Ciencias Naturales del Ciclo Intercultural de Iniciación Académica de Estudiantes Indígenas de la Universidad Estatal de Londrina, para analizar la

constitución de las identificaciones culturales desde la perspectiva teórica producida por Stuart Hall. Discutimos en este artículo que la producción de identificaciones ocurre con respecto a las posiciones de los discursos científicos y, cuando se producen como identificaciones, están sujetas a hibridación. Además, en el aula, se produjeron identificaciones diaspóricas traducidas y tradicionales, sin embargo, las identificaciones traducidas están cerca de la Iniciación Académica a la que se propuso el curso.

Palabras clave: Enseñanza de las ciencias. Educación indígena. Estudios culturales. Educación universitaria.

INTRODUÇÃO

Considerando a globalização e as constantes migrações, o contato entre diversas culturas tornou-se cotidiano. Neste contexto, emergiu as teorizações de Stuart Hall, teórico que deu início ao movimento intelectual e acadêmico conhecido como Estudos Culturais. Na perspectiva teórica que inaugurou, Hall se dedicou a estudar as culturas populares não imputando a elas uma estratificação de hegemonia ou dominação, mas percebendo a diversidade na qual se produziām tais culturas. O autor ainda teorizou a respeito das relações entre essas culturas e conceituou suas derivações.

Neste tocante, as ciências também estão constantemente em contato com outros modos de pensar – outras culturas – e as salas de aulas são espaços onde se oportuniza este contato, bem como nas aulas de ciências. Sendo assim, neste artigo nos concentramos na especificidade de uma aula de Ciências da Natureza do Ciclo Intercultural de Iniciação Acadêmica dos Estudantes Indígenas da Universidade Estadual de Londrina. Buscamos investigar as relações e interpretar os significados que são negociados nesta aula e a produção de identificações à luz das teorizações de identidade e de cultura de Stuart Hall, considerando que tanto os conhecimentos tradicionais indígenas quanto os conhecimentos de cunho científico foram discutidos em aula.

Organizamos o presente artigo seccionando-o primeiramente nesta introdução seguida, respectivamente, de um breve referencial teórico, o percurso metodológico que adotamos e a descrição da aula analisada para, posteriormente, discutir o que concerne à ciência e as especificidades das identificações indígenas. Por fim, trazemos algumas considerações finais, as implicações resultantes desta análise e as referências citadas.

REFERENCIAL TEÓRICO

Em busca de estudar a atual crise de identidade da modernidade tardia, Stuart Hall se dedicou a investigar o processo de formação dessas identidades, que, segundo suas teorizações, dá-se em um processo ao qual chamou-se de diferenciação (HALL, 2019). Este processo diz respeito ao

reconhecimento de marcadores culturais que diferenciem o alguém do outro alguém, neste “jogo da diferença” só se poderia identificar o alguém se existisse o outro, um alguém diferente. Sendo assim, as identidades para Hall (2019), não podem ser entendidas como fixas, uma vez que estas se constituem processualmente e, portanto, adotou o conceito de identificação que remete a uma continuidade na formação da identidade.

Contudo, no contexto multicultural e globalizado, o intercâmbio de pessoas e as confrontações culturais tornou-se cada vez mais constante. E, de acordo com Hall (1999), esses acontecimentos repercutiram nas produções das identificações culturais promovendo cruzamentos e misturas culturais. Ainda assim, essas pessoas, que foram deslocadas de seu território de origem, podem possuir fortes vínculos com sua cultura ao passo que são obrigadas a negociar com a cultura local, mas de modo a não serem apagados por ela (HALL, 2019). A este fluxo de pessoas e culturas, Hall denominou diáspora, a qual é responsável pela formação das culturas tidas como híbridas, que seriam essas culturas diaspóricas, que não foram assimiladas pela cultura local e nem são “puramente” a cultura de origem, mas que contém marcadores culturais de ambas (HALL, 1999).

No entanto, essas culturas híbridas produzem identificações que incorrem ora a tradição e ora a tradução. A tradição está relacionada com um resgate de uma identidade histórica numa tentativa nostálgica de fugir da crise de identidade ao qual se encontra a modernidade tardia (HALL, 2019). Na tradição é também característico a vontade de “purificação” da identidade em questão, como se a produção dessa identidade fosse um retorno ao que seria a essência dela (HALL, 1999). Contudo, a identificação está sujeita a posição e ao contexto em que se produz, não sendo possível produzi-la em momentos históricos e contextos sociais distintos (HALL, 1992). Por outro lado, a tradução seria a produção dessa identificação diaspórica que não é apenas a mistura de duas culturas, mas é aquela que se produz outra, pois transgrede e é transporta através das fronteiras culturais e a isso conceituou-se o hibridismo ou o processo hibridização que produz essas identificações (HALL, 1992; 2019). E são justamente esses processos de hibridização e de produção das identificações que nos possibilitou interpretar e analisar esta aula de Ciências da Natureza para os estudantes indígenas da Universidade Estadual de Londrina (UEL).

PERCURSO METODOLÓGICO

Esta investigação foi inspirada metodologicamente na etnografia, a qual foi composta por um caderno de campo contendo o diário de campo, o diário de reflexão e as notas de memória. A etnografia foi realizada no Ciclo Intercultural de Iniciação Acadêmica dos Estudantes Indígenas que

ocorre no Centro de Estudos Sociais Aplicados – CESA (UEL) no período noturno e as observações ocorreram durante as aulas de Ciências da Natureza do ano letivo de 2019. O Ciclo Intercultural é organizado em quatro módulos temáticos e os dados aqui analisados foram registrados durante o terceiro módulo, Cidadania e Sustentabilidade, no qual foram abordados os conteúdos de química. Durante a produção de dados estavam presentes cinco estudantes (quatro homens e uma mulher) e um educador, os quais foram identificados por nomes fictícios neste artigo.

O caderno de campo constituiu o primeiro instrumento de produção de dados e, considerando as diversas perspectivas teóricas de como fazê-lo (GRAUE, WALSH, 2003; ERICKSON, 1985; GOTTSCHALK, 1998) e a nossa imersão no campo, percebemos que uma integração entre anotações de acontecimentos concretos e de notas autorreflexivas do pesquisador seria o mais adequado, pois fornece mais recursos para a interpretação dos significados e relações negociados em aula. A segregação dessas esferas de anotações é artificial, afinal o caderno de campo é produzido pelos pesquisadores e, assim, já passou por uma primeira interpretação, contudo este método de separar dois tipos de anotações nos ajudou a sistematizar as nossas ideias e a diferencia-las de nossos registros.

Também foram escritas no caderno de campo as notas de memórias (OTTENBERG, 1990), que são anotações de momentos de fala e de expressão dos estudantes durante o período do Ciclo, mas não em sala de aula. Desta forma, anotamos conversas que tivemos com os estudantes durante os intervalos, antes ou após as aulas e em momentos em que não estávamos portando o caderno de campo. Essas notas foram importantes para caracterizar o modo que cada estudante se sentia em relação aos conteúdos e a disciplina, bem como sua aproximação com sua Terra Indígena (TI) e outras questões que os atravessam (experiências positivas/negativas durante sua trajetória escolar, distância da família, dos filhos, retomadas de terra, participações em movimentos sociais e políticos, entre outros).

Dado a geração de dados realizada no caderno de campo, demos início a um registro de dados ou relatório, que constitui na expansão deste caderno de campo. Contudo, com o objetivo de pluralizar os meios de geração de dados (ou triangular), além das observações, fizemos gravações em áudio que foram transcritas e comparadas com os cadernos de campo para a produção do relatório. Nesta etapa da investigação, também separamos o relatório em dois segmentos. Na primeira parte, fizemos uma descrição detalhada dos acontecimentos concretos observados em sala de aula (GRAUE, WALSH, 2003), o qual caracteriza um relato cronológico dos acontecimentos. Na segunda etapa iniciamos a “Descrição Densa” (GEERTZ, 1989), que consiste num movimento interpretativo dos acontecimentos descritos detalhadamente na primeira etapa e, pontualmente, tentamos investigar os significados que, naquele contexto, são imputados sobre algumas ações, termos e falas. Tendo produzido esses registros

de dados, por fim, teorizamos acerca das emergências do campo pesquisado. Aqui, nesta etapa e neste artigo, é que comunicamos os significados que foram negociados durante as aulas de Ciências da Natureza e recorremos a literatura para apoiar as nossas interpretações.

“NINGUÉM COME SOJA TODOS OS DIAS”:

DESCRIÇÕES DE UMA AULA DE CIÊNCIAS DA NATUREZA

Ao acompanhar a aula de Ciências da Natureza do Ciclo Intercultural, observamos que há algumas aulas o educador, Gabriel, vinha comentando sobre uma dinâmica que havia preparado. Contudo, o mesmo afirmava que para a realização desta atividade, seria necessário que todos ou quase todos estivessem presentes, pois tínhamos apenas cinco estudantes que ainda cursavam o Ciclo.

Logo de início, tendo quatro estudantes presentes, Gabriel informou a todos nós que a aula daquele dia teria como temática os transgênicos e suas relações com a química. E, para tanto, ele propôs a leitura de dois textos impressos em folhas diferentes, as quais foram entregues uma cópia para cada estudante. Em ambas as páginas, havia a transcrição de uma entrevista contendo o título, o nome dos entrevistados, sua formação acadêmica e, por último, a referência da fonte de onde foi retirada aquela entrevista. Um dos textos defendia o uso de transgênicos na agricultura e enfatizava seus benefícios, enquanto o outro abominava a transgenia e apontava os riscos que o seu uso poderia ocasionar.

Após uma leitura em grupo, o professor deixou que os estudantes discutissem acerca do que foi lido. A primeira a falar foi Amanda que já se posicionou contra os produtos transgênicos, uma vez que, segundo ela: “não há necessidade de se justificar o uso de transgênicos, pois ninguém come soja todos os dias, então o objetivo é o lucro e não a fome”. Amanda afirmou isso, pois o argumento central em defesa do uso de agrotóxicos contido no texto seria a necessidade de plantar mais em menor espaço físico e reduzir a utilização dos agrotóxicos nas plantas e, portanto, também nos alimentos que consumimos. Diante desta situação, o professor pareceu tentar assumir uma posição de busca pela neutralidade da discussão, como se não quisesse interferir nela ou na criação das próprias posições dos estudantes, ao menos sem influenciá-los diretamente.

Depois desse argumento de Amanda ser colocado em discussão, ninguém nem mesmo tentou contrariá-la e acabaram por concordar. Sendo assim, o professor mudou a dinâmica da aula e separou os estudantes em duas duplas, as quais pegariam um dos textos aleatoriamente e teriam que defender aquele ponto de vista (a favor ou contra os transgênicos). Amanda foi pareada com Gustavo e pegou o texto que se posicionava a favor dos transgênicos, o que ela anunciou que seria um desafio, uma vez que ela discordava completamente do que estava escrito.

Amanda, talvez por ter dificuldade em defender os transgênicos, basicamente parafraseava o que estava no texto em seus argumentos para defender os agrotóxicos. No entanto, no decorrer da discussão (com direito a réplicas e tréplicas), Amanda começou a ironizar e citava as fontes dos estudos científicos que são mencionados no texto para respaldar suas falas. Entre risos, argumentos e ironias, a estudante afirmou que da forma que estava falando estava parecendo com o Bolsonaro. Gustavo defendeu os transgênicos também, como foi solicitado, mas ele não se prendeu ao texto e acabou reproduzindo discursos que ele ouvia quando trabalhava na lavoura e mesclou-os com seus conhecimentos sobre agricultura e monoculturas com os dados trazidos pelo texto.

Em resposta aos argumentos de Amanda, Giovane e Ricardo (que compunham a dupla que deveriam se posicionar contrários aos transgênicos) assumiram que existem interesses ocultos relacionados ao uso dos transgênicos e afirmaram que estas modificações iriam apenas enriquecer mais pessoas que já detém muito dinheiro e, com isso, iriam fortalecer o poderio dessas pessoas. Ou seja, de acordo com esses estudantes, há uma hegemonia e uma dominação de classes veladas por interesses que vão além do uso da ciência e da tecnologia em plantas, mas que atravessam questões econômicas, sociais e políticas.

A encenação de um debate polarizado se encerrou e Amanda retomou seu posicionamento contrário a transgenia dizendo que há um ciclo da natureza e que não faz sentido o uso de transgênicos, pois ele vai apenas selecionar as pragas mais fortes, o que vai demandar o uso posterior de agrotóxicos. Desta forma, segundo a estudante, se o ciclo da natureza for interrompido ou alterado nós (seres humanos) é que seremos prejudicados, pois nós é que dependemos da natureza.

Gustavo toma a fala e afirma ser contrário as duas opções, pois, de acordo com ele, nem a soja transgênica e nem a não transgênica são boas, pois ambas trazem malefício, considerando que o cultivo visa apenas o lucro por trás do plantio em larga escala. O estudante Kaingang argumenta que esse modo de pensar e se organizar a sociedade também afetou os indígenas, pois antes todos iam caçar e dividiam a caça, quando iam fazer compras na cidade, eles dividiam com a família, mas que na atualidade isso já não ocorre mais. Em suas palavras: “há um egoísmo que se instalou no pensar de nossas famílias e o meu avô chora ao lembrar da floresta por onde ele corria e que hoje é só soja”.

Por fim, o professor resolve não começar as questões de química orgânica que estavam programadas para aquela aula. Ele justifica não querer acabar com essa discussão que ele julgou rica e produtiva.

AS CIÊNCIAS HÍBRIDAS: POLÍTICA E IRONIA

Durante as discussões, os textos que baseavam a atividade já denunciavam que se discutiria algo além da produção dos transgênicos e da química envolvida neste processo, pois as entrevistas transcritas naquelas páginas eram de pesquisadores e havia uma polêmica acerca do uso ou não dos transgênicos. No entanto, ao apresentar entrevistas transcritas de dois pesquisadores de uma mesma temática que discordam entre si, a atenção também se desloca para pensar uma ciência discordante. Enfatizamos tal ponto, pois a concepção de ciência pode ser atrelada ao sujeito cartesiano (HALL, 2019) quando este é caracterizado pela busca de uma purificação dos meios de obtenção de respostas as suas perguntas e que associa essa purificação a uma racionalidade unificada, científica.

Em contrapartida, ao lerem esses textos e assumirem posições de defesa ou ataque aos transgênicos na discussão, os estudantes não demonstravam preocupação em acreditar no que estava escrito como a produção de uma verdade unificada, mas demarcavam e defendiam a verdade que se inscrevia ali, concordando ou não com aqueles argumentos. Nesse aspecto, as percepções acerca da ciência e das teorias resultantes do trabalho intelectual e acadêmico desses estudantes se aproximam do que Hall (2003, p. 217) caracterizou como “um conjunto de conhecimentos contestados, localizados e conjunturais, que têm de ser debatidos de um modo dialógico”. E tal aproximação implica em admitir que o debate central se localizava nas questões políticas inerentes a transgenia e não em seus processos químicos e de produção, como em geral se focaliza nas aulas de ciências.

No contexto da discussão encenada, Amanda iniciou uma argumentação baseada em “fatos científicos”, de acordo com a própria estudante, na qual a mesma se apropriava das questões levantadas pelos entrevistados para respaldar suas falas. Posteriormente, a estudante parte para o uso da ironia para expressar-se contrária aqueles argumentos que defendia durante a encenação. Gustavo, faz um outro movimento para defender o uso dos transgênicos na dramatização: o de apropriar-se de um “discurso do padrão”, como ele mesmo o chamou. Isto é, ele se inspirava no que ouvia de seus padrões da época em que trabalhou na lavoura para criar uma argumentação pensando nos interesses dos agricultores que, segundo o estudante, precisavam fazer o uso dos transgênicos, senão o cultivo seria inviável. Giovane e Ricardo iniciaram com um discurso que se pautava numa argumentação moral sobre a qualidade de vida das pessoas e no prejuízo à natureza para se posicionarem contrários ao uso dos transgênicos.

E suscitamos esse trecho para demonstrar que as percepções que os estudantes indígenas possuíam acerca dos argumentos daqueles cientistas estavam sujeitas ao jogo da diferença (HALL, 2003), ou *différance*, que envolve a identificação, pois assumir determinado posicionamento argumentativo naquela ocasião teatral era também se implicar em uma posição e um contexto de fala, ao qual se imputa uma identidade (a favor ou contra a transgenia). Ao ser colocado no jogo da diferença,

esses papéis argumentativos (aqui tidos como identificação), que inicialmente podem parecer opostos, passam a estarem sujeitos a hibridização e tal hibridismo se concretiza no uso da ironia pela estudante Amanda. Naquele momento, tendo que defender o uso dos transgênicos contra sua vontade, a estudante passa a satirizar os argumentos que a mesma utilizava para se dizer a favor dos transgênicos, produzindo assim uma identificação que não poderia ser considerada simplesmente “a favor da transgenia”, pois continha a ironia no argumentar e nem “contra a transgenia”, pois Amanda se utilizava dos argumentos favoráveis ao uso dos transgênicos.

INDÍGENA E IMPURO: A PRODUÇÃO DE IDENTIFICAÇÕES E SUA IMPLICAÇÃO NA INICIAÇÃO ACADÊMICA

Quando chega o final da encenação, Gustavo, indignado, afirma discordar de ambas as formas de cultivo, sendo elas: com ou sem transgênicos. Ele aponta para o passado da tradição indígena, no tempo das florestas, e tende a pensar ser necessário o retorno a época de seus avós, pois na atualidade até os indígenas foram “contaminados pelo egoísmo”, enquanto no passado todos dividiam seus mantimentos. No fim, de acordo com o estudante, o interesse pelas plantações em larga escala é de cunho econômico e não para o próprio sustento, logo, este sistema seria negativo e injustificável. A este processo de produção de uma identificação que prevê a necessidade de retorno a uma identidade histórica em que se vivia na “pureza” do “ser indígena”, Hall (2019) denomina tradição. No contexto do sujeito produzido, ele cria uma expectativa de constante retorno ao passado, como se fosse possível viver da mesma forma que se representava a vida no passado.

Amanda, por outro lado, termina denunciando que os argumentos utilizados para defender o uso de transgênicos não são necessariamente falsos, uma vez que a população humana cresce cada vez mais e falta de espaço geográfico para o plantio de alimentos é um problema real, porém os benefícios anunciados pelos fabricantes, segundo a estudante, são temporários e a longo prazo só promoverão o uso massivo de agrotóxicos. Neste momento, a estudante reflete sobre a realidade em questão, há um problema: o uso de transgênicos, no entanto, Amanda percebe que não há uma resposta (favorável ou contrária a este uso) que salvará a humanidade da situação em que se faz necessário otimizar os espaços de plantio, ao passo que não podemos também abrir mão da qualidade e da produção dos alimentos.

Nesse tocante, a estudante sugere que, ao se pensar na solução para esse problema a partir da transgenia, esquecemos que fazemos parte de um ciclo natural e somos a própria natureza. Sendo assim, alterar esse ciclo provocaria consequências sobre as nossas vidas também. Ou seja, segundo a estudante, faz-se necessário pensar em outras formas de resolução para o problema apresentado, não como uma tentativa de retornar aos modos de se relacionar com a natureza da tradição indígena, mas criando a

partir desses e de outros saberes – como os da própria ciência. Ao processo de produção de novas identificações, que não visam o resgate de uma suposta origem histórica (aqui representadas como vivências do passado indígena), mas que transgridem essas fronteiras e se hibridizam com outras culturas (a exemplo da ciência e do saber indígena), identificamos como tradução (HALL, 2019). Este sujeito traduzido possui laços com a sua cultura e com a sua Terra, não abre mão de sua tradição, mas não busca por uma “purificação” de sua cultura ou de sua identificação (o retorno a uma identificação que se viveu no passado, como sinônimo de origem e de pureza). E, a efeito das diásporas sofridas por esses sujeitos, se hibridizam na condição atual de que vivem, sejam indígenas com os demais brasileiros ou os saberes indígenas com os saberes científicos.

No que tange o Ciclo Intercultural de Iniciação Acadêmica dos Estudantes Indígenas da UEL e a especificidade desse contexto, a produção dessa identificação traduzida, desse “ser indígena e impuro” caracteriza um processo necessário para a Iniciação Acadêmica, uma vez que, se o estudante indígena insistir em um retorno a tradição, este não negociará com a Universidade, tentará subvertê-la e não criar com ela. Enquanto, a tradução produz uma identificação de um sujeito que é marcado pela tradição (mantém seus traços culturais e suas relações com a sua Terra Indígena), mas negocia com a Universidade e com a ciência, promovendo a criação de híbridos entre essas esferas culturais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta análise se inscreveu evidências da produção de identificações hibridizadas causadas pela diáspora desses sujeitos que se identificam como indígenas, mas que não podem permanecer em suas Terras Indígenas, pois querem iniciar e concluir sua formação acadêmica. E, assim, se movem para o espaço da Universidade em mais uma luta por território, seja ele discursivo ou geográfico.

No processo de produção de identificações, o jogo da diferenciação teorizado por Hall operou inclusive nas atuações de posicionamentos a favor e contra os transgênicos, demonstrando que não apenas as identificações indígenas se hibridizavam na sala de aula, como também havia um processo de hibridização das identificações produzidas a partir dos argumentos científicos trazidos pelo educador.

Por fim, as identidades produzidas pelos estudantes indígenas apresentaram tanto identificações traduzidas quanto também tradicionais, porém a identificação traduzida parece se aproximar da Iniciação Acadêmica ao promover a hibridização desse sujeito com as contribuições da ciência e da Universidade. Ademais, surgem novos questionamentos ao fim desta análise, dentre os quais cito como exemplo: que consequências poderiam ter a produção de identificações tradicionais na Iniciação Acadêmica de estudantes indígenas?

REFERÊNCIAS

- ERICKSON, F. Qualitative methods in research on teaching. *In: WITTRUCK, M. C. (org.). **Handbook of research on teaching***. 3ª ed. Nova York: Macmillan, 1986.
- GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Editora Guanabara Koogan, 1989.
- GOTTSCHALK, S. Postmodern sensibilities and ethnographic possibilities. *In: BANKS, A.; BANKS, S. P. (org.). **Fiction and social research: By ice or fire***. Londres: Sage, 1998.
- GRAUE, M. E.; WALSH, D. J. **Investigação etnográfica com crianças: teorias, métodos e ética**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2003.
- HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 12ª ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2019.
- HALL, S. Cultural Studies and Its Theoretical Legacies. *In: GROSSBERG, L. et al. (org.). **Cultural Studies***. New York: Routledge, 1992.
- HALL, S. **Da Diáspora: Identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.
- HALL, S. Thinking the Diaspora: Home-Thoughts from Abroad. **Small Axe**, Durham, v. 6, 1999.
- OTTENBERG, S. Thirty years of fieldnotes: changing relationships to the text. *In: SANJEK, R. **Fieldnotes: The makings of anthropology***. Ithaca: Cornell University Press, 1990.

Recebido em: 08/03/2020

Aceito em: 01/11/2020

Endereço para correspondência:

Nome: Felipe Tsuzuki

Email: felipe.tsuzuki@outlook.com



Esta obra está licenciada com uma Licença [Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).